

## O último concerto

Sibele Oliveira \*

*A música expressa o que não pode ser dito em palavras, mas  
não pode permanecer em silêncio.*

Victor Hugo

Alheios ao congestionamento de carros, motos, táxis e paulistanos que manobram habilmente sacolas estufadas de presentes nas estreitas calçadas da região central da cidade, técnicos de som, cantores e instrumentistas do Coral Lírico do Teatro Municipal se apressam para o último ensaio do concerto de Natal, que começará às 20h30, na Sala São Paulo. A três dias da comemoração do nascimento de Jesus, senhoras bem maquiadas e elegantemente vestidas encabeçam a fila que há muito começou a se formar na entrada lateral do prédio, acompanhadas de jovens estudantes equipados com mochilas e trajés descontraídos. Do lado de dentro, desafiando o entardecer, o sol valente atravessa os vitrais do grandioso hall de entrada, banhando com uma fina camada dourada as colunas de capitéis ornamentados, arcos imponentes, escadarias que parecem ter sido importadas de palácios ingleses e todos os minuciosos detalhes da construção inspirada na arquitetura neoclássica, estilo Luís XVI.

A movimentação é intensa nos corredores do primeiro andar, onde elegantes scarpins pretos e lustrosos sapatos sociais masculinos de acabamento impecável trotam num ritmo vigoroso e cadenciado, enquanto fragmentos de emoções musicadas ganham vida nas cordas vocais de sopranos, baixos, contraltos, barítonos, mezzo-sopranos e tenores. Após uma passagem rápida pelos camarins, os mais de noventa coralistas saem com cabelos escovados, vestidos longos pretos e smokings. Eles se reúnem para degustar iguarias servidas num pequeno coquetel, fazem planos para as férias e conversam despreziosamente, quando, de súbito, são interrompidos pela chefe do coral, Jacy Guanabara, uma mulher de trejeitos polidos, caminhar convicto, voz melódica e decidida. Com todas as atenções voltadas para si, ela confirma o horário de um acontecimento tão importante quanto o espetáculo da noite: uma homenagem ao mais antigo integrante do coral, o senhor Angelino Machado, que encerrará sua carreira de quase cinquenta anos.

- Ele é um doce de pessoa. Estamos com o coração apertado com a sua saída – diz a loira de cabelos artisticamente presos e olhos verdes enternecidos, ao passar por mim.

O último ensaio já aconteceu e foi sucedido pela primeira parte do espetáculo, que apresenta a melodia valsante da fábula natalina “Quebra-nozes”, de Piotr Ilitch Tchaikovsky. Os amigos mais chegados de Angelino encontram-se na sala do coro, onde mais cedo aqueceram suas vozes com vocalizes. Eles estão sentados em cadeiras que formam um semicírculo ao redor da sala, de frente para uma cortina branca com xale de veludo azul e um piano de cauda, quando o homenageado irrompe com o visual alinhado de sempre. No alto dos seus 82 anos, ele mantém os cabelos pretos cuidadosamente divididos para o lado esquerdo e está vestido com smoking e gravata borboleta, mas seus traços mais marcantes são o porte de cavalheiro, voz grave e bem modulada, olhos azuis que nunca abandonam a expressão de serenidade por trás de um par de óculos de armação cromada, rosto que assenta poucas marcas da passagem do tempo e mãos que materializam com gestos seus sentimentos.

- O que está se passando aí dentro minutos antes da sua última apresentação no coral? – pergunto, apontando para o peito de Angelino.

- Ah! Minha filha. Para mim está tudo bem. Eu não posso pedir mais nada para Deus. Ele já me deu tudo o que eu queria – responde, levantando as mãos em sinal de agradecimento.

Entre os amigos de longa data, ele ri de brincadeiras e piadas envolvendo o seu nome. Ri de si mesmo. Está feliz da vida, satisfeito com as oportunidades que teve e transformou em conquistas. Aguarda sem ansiedade a surpresa que estão lhe preparando, pronto para entrar

em cena e brindar o público com a sua voz. Mas até construir sua história como membro do Coral Lírico, que se confunde com a história do próprio coral, e ser merecedor de tamanho carinho e reconhecimento, ele percorreu um extenso caminho.

### **Amor de filho**

Em todas as suas conversas, Angelino provoca uma oportunidade para falar de sua origem. Bastam alguns minutos para que ele abra as comportas do passado e o reconstitua em enredo, sons, cores e emoções. Embora viva o presente com intensidade, a saudade lhe preservou o direito de transitar pelas lembranças mais caras da sua infância e juventude. Ele é capaz de congelar o tempo quando narra algumas dessas passagens, principalmente as que envolvem seus pais e mestres de vida.

Sua história começou a se desenhar quando a avó paterna, que acabara de ser abandonada pelo marido, desesperou-se com a pobreza que rondava a aldeia portuguesa onde residia. Em 1908, com a pouca bagagem da família em punho, ela veio com os filhos tentar a sorte no Brasil. Anos mais tarde, o pai de Angelino, Jaime Machado, galgava passos em direção a um futuro promissor e de muito prestígio na época. Entrou para o seminário e logo foi ordenado padre da Paróquia do Bom Jesus, no Brás, mas nem desconfiava que a trajetória episcopal estava com os dias contados.

Era uma manhã de domingo como tantas outras e a missa estava apenas começando quando, repentinamente, Jaime ficou em silêncio. Os fiéis se entreolhavam sem saber o que estava acontecendo, enquanto o padre fitava uma adolescente de tranças compridas sentada na primeira fileira, que o olhava assustada, pensando que seu mentor espiritual estava passando mal. Depois de longos segundos, ele recobrou a concentração e conseguiu terminar o sermão, mas já planejava em pensamento ir atrás da moça. A ansiedade era tamanha que ele queria se aprontar assim que o dia seguinte ganhasse os primeiros vestígios de luz.

- Padre Jaime, que prazer receber sua visita. O que houve? – surpreendeu-se a dona de casa.
- Dona Maria, eu vim pedir a mão da sua filha em casamento – Jaime despejou num surto de coragem.
- Minha avó perdeu até a fala. Ficou paralisada. Pensou que ia ter um enfarte – Angelino rememora com um sorriso de canto de boca, e continua: – Só que minha mãe, que era tecelã de uma das indústrias Matarazzo, ainda não tinha voltado para casa, senão seriam duas assustadas.
- Eu? Com um padre? Deus me livre! – a menina italiana de 14 anos disse horrorizada, sentindo-se uma pecadora ao lembrar que sempre beijava as mãos do sacerdote quando chegava à igreja. – Não vou voltar mais lá.
- Por que a sua filha não foi mais à igreja? – o padre inquiriu a futura sogra num tom de cobrança. – Fala para ela que eu vou largar a batina e vou me casar com ela – afirmou, destemido.

A notícia correu, Jaime foi excomungado e um ano depois ele e Maria Tereza estavam casados. A descoberta de que um desafio ainda maior que o enfrentado para ficarem juntos estava por vir bateu na porta dos Machado quando os filhos começaram a chegar. Foi então que o chefe de família se valeu dos oito idiomas aprendidos durante o sacerdócio para dar aulas particulares e mais tarde tornar-se professor universitário. Afinal, ele precisava sustentar dezessete filhos, quatorze de sangue e três de coração. Era meados dos anos 30 e a família levava uma vida de interior na capital, numa época em que os bairros eram quase zonas rurais. Eles moravam na Vila Formosa, em uma casa com cara de chácara. Conviviam com galinhas, porcos, cabritos, marrecos, gansos e apanhavam frutas num amplo pomar que tinha parreiras, abacateiros, laranjeiras, mangueiras e muitas outras árvores frutíferas.

Não desfrutavam do conforto corriqueiro da vida moderna, mas a comida era farta. Não havia geladeira, fogão a gás, tampouco televisão para ocupar o tempo. Como não passavam ônibus na região, Angelino caminhava longas distâncias para estudar num colégio no Brás ou jogar futebol com os irmãos mais velhos no Sport Clube Corinthians Paulista. Quando tinha sorte, conseguia carona de um caminhão que estivesse de passagem pela região. Mas ele não era menos feliz por isso, ao contrário, recorda com carinho de momentos de confraternização,

como quando a família acendia uma fogueira e chamava os vizinhos para festejar, jogando conversa fora e comendo batata assada. A feição de êxtase se desfaz da face de Angelino no instante em que ele se recorda da partida dos pais.

- Sabe, não tive um pai, tive um santo que me guiou pelos caminhos da vida. Meu Deus do céu! Meu pai foi tudo para mim - diz, tentando controlar a voz que teima falhar, a respiração descompassada e as lágrimas que deságuam sobre o seu rosto.

- Minha mãe também era uma santa. Virgem Maria! Ela me criou com muito amor – ele puxa a camisa, simula batimentos cardíacos acelerados e começa a relatar os detalhes da despedida.

- Filho, hoje eu não vou embora – Maria Tereza dizia todas as vezes que Angelino chegava do trabalho.

- Eu nunca botei na minha cabeça que ela estava se referindo a ir embora com Deus. Nunca. O tempo foi passando e a minha mãe sempre repetia a mesma coisa. Um dia ela estava deitada e me pediu um abraço. Eu dei um abraço e um beijo nela e sentei um pouquinho ao seu lado.

- Filho, hoje eu vou embora – Maria Tereza balbuciou ao sentir o aconchego das mãos de Angelino.

- Não, mãe, a senhora não vai – ele interrompeu imediatamente.

- Hoje eu vou embora – a mãe confirmou num último esforço.

- Ela apertou a minha mão e foi fazendo assim. - Angelino demonstra como a mãe foi abrindo a mão lentamente. - E morreu. O meu irmão não entendia porque eu chorava tanto.

- Você devia agradecer a Deus, mano. A mãe morreu no seu colo. Quer uma coisa mais divina do que isso? – o irmão tentou consolá-lo, em vão.

- Eu adorava a minha mãe. Meu Deus do céu! Como eu gostava dela – desabafa, com os olhos divagando pelo ar, como se estivesse fechando mentalmente um dos capítulos mais importantes da sua existência.

### **Notas do coração**

Angelino é praticamente um patrimônio do Coral Lírico do Teatro Municipal de São Paulo. O amor pela música nasceu ainda na infância ao acompanhar o pai, que da cúpula do teatro incitava as palmas da plateia junto com outros vinte amantes de ópera, e como recompensa não pagava a entrada. Foi apresentado para o mundo das letras e das notas musicais ao mesmo tempo e chegou a ouvir ao vivo vozes de artistas famosos da época como Sílvio Caldas e Orlando Silva. Incentivado por Jaime, Angelino se matriculou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo aos 12 anos e teve aulas particulares que deixaram seu timbre de voz – baixo – ainda mais limpo e potente.

Quando criança, um de seus lazeres prediletos era brincar com um irmão de fazer serenatas em sua própria casa ou na calçada de casas vizinhas. Invariavelmente saíam correndo assim que as luzes acendiam, com medo de levar uma bronca ou até mesmo uma surra. Encarnar variados personagens era outro passatempo que ele adorava e, com o tempo, o que era brincadeira virou coisa séria. Jaime montou uma pequena trupe de teatro na qual os filhos eram o elenco e foi durante a encenação das peças que Angelino conheceu o sabor dos aplausos, em teatros tradicionais, alguns que existem até hoje, como o Arthur Azevedo. Mesmo com a arte entranhada em suas veias, o cantor aprendeu outros ofícios antes de se dedicar exclusivamente à música. Foi encanador, dono de uma loja de artigos para salões de beleza, cantor de casamentos e eletricista de aviões.

Em sua casa há um quarto que funciona como uma espécie de biblioteca musical. Em uma das paredes, acima de um piano antigo estão distribuídas fotos que contam acontecimentos importantes de sua vida, algumas em preto e branco e outras coloridas, empalidecidas pelo tempo, entre elas o retrato de Jaime, de uma filha e dele em alguns concertos. Do lado oposto, três prateleiras estão empilhadas de partituras de ópera – 56 obras completas –, mais de 500 fitas K7 com gravações de música erudita e cerca de 1500 partituras de canções italianas, espanholas, mexicanas e brasileiras do século passado. É neste ambiente que ele descreve como foi sua ascensão da plateia para o palco.

“Um dia eu quero ver você lá embaixo, cantando”, Jaime cochichava no ouvido do filho quando estavam na cúpula do Teatro Municipal para bater palmas. Mesmo com essas palavras

ressoando no seu coração, Angelino temia a frustração de não conseguir entrar no coral. Precisava de um empurrãozinho, que veio pelas mãos de um amigo que cantava com ele num centro espírita. No início da década de 60, Nelson Silva sugeriu que os dois participassem juntos de um concurso no Teatro Lírico de Equipe. Convencido de que não custava nada tentar, o cantor decidiu dar o primeiro passo em direção ao futuro sonhado pelo pai, mas sua autoconfiança oscilava bastante e por vezes ameaçava ruir. A insegurança só foi varrida da sua mente quando os dez classificados começaram a ser anunciados.

- Meu Deus, só tem eu agora? – pensou, incrédulo, quando o segundo colocado foi chamado.  
- Dá para ver a mão desse moço? – o selecionador perguntou após chamá-lo ao palco e levantar um dos seus braços.

- Está suja – alguém respondeu.

- Está suja. Tem graxa. Sabe por quê? Porque ele saía do serviço e vinha aqui correndo para cantar. Senhores, este aqui é o primeiro lugar no concurso.

Angelino adotou o nome artístico Angelo Licurci, em homenagem ao avô materno, e deu início a rotina que preencheria grande parte do seu tempo, com concertos e ensaios contínuos, sempre ao lado de Nelson. Alguns anos se passaram e o cantor desfrutava de um confortável período de calma quando, certo dia, o amigo veio ao seu encontro num misto de euforia e afobação, convidando-o para um novo desafio. Desta vez no Teatro Municipal.

- Deixa isso prá lá. Meu Deus do céu! Nelsinho, a gente não vai passar nada – ele disse hesitante.

- Vamos, vamos, vamos, Machado, senão vai fechar lá e a gente não vai conseguir fazer a inscrição. Deus é grande – o amigo não estava disposto a desistir de convencê-lo.

Depois de muita insistência, ele resolveu tentar a sorte mais uma vez e saiu correndo, na esperança de multiplicar a duração de cada segundo que avançava no relógio, sem nem mesmo lavar as mãos que haviam sido tingidas de graxa no trabalho. Foi o tempo de passar pela porta do teatro antes que ela se fechasse. A bordo de sua insegurança, sensibilidade exacerbada e obrigação de agradar a todos o tempo todo, faltava coragem até para preencher a ficha de inscrição. Estava em jogo o medo de decepcionar o pai, a família e de trair o próprio sonho, sentimento que ameaçava seu talento desabar num efeito dominó.

- Está vendo, Nelsinho? Quanta gente para dez vagas... Você é louco. Vamos embora – Angelino pensou alto assim que pisou no teatro, num rompante de desânimo ao se dar conta de que teria de concorrer com 267 candidatos.

Apesar de vencer etapa a etapa o longo processo seletivo, parecia impossível que o sonho de menino ganhasse contornos de realidade, tanto que ele não se preocupou em conferir o resultado. Pediu a um funcionário do teatro que o avisasse caso o seu nome figurasse entre os classificados no Diário Oficial e parou de pensar no assunto. Passados quatro meses após o término do concurso, o cantor foi tomado por um lampejo de esperança e ligou para o teatro com o intuito de certificar se realmente não estava entre os aprovados.

- Oi, seu Benedito, tudo bem? Estou ligando para saber quem passou no concurso – o cantor iniciou a conversa aparentemente despreocupada.

- Oi, Angelino. Você tem uma voz linda, maravilhosa. Foi uma pena você não ter passado, mas no próximo concurso você passa – o homem escolheu as palavras com cuidado para abrandar a notícia.

- Mas quem passou com o timbre de baixo, seu Benedito?

- Um tal de José Bassete e um tal de Angelino Machado, que não sei quem é...

- Angelino Machado sou eu, seu Benedito.

- Mas você me deu o nome de Angelo Licurci – o homem disse num tom de surpresa, e emendou: – Então você precisa providenciar a papelada logo para assumir o cargo, antes que o prazo se esgote.

- Como chorei. Nossa Senhora da Penha! Chorei tanto que não sabia se agradecia a Deus ou a nossa Senhora da Penha – o cantor gesticula, ofegante, revivendo a emoção.

- E o Nelsinho? – preocupado, ele quis saber do desempenho do amigo.

- Ele passou de tenor – o funcionário respondeu antes de finalizar a conversa.

- Viu, Machado? E se não tivéssemos vindo, hein? Nós dois passamos – Nelson disse com um ar de satisfação, ao conversarem por telefone mais tarde.

Embora tenha entrado para o Teatro Municipal oficialmente em 1967, ele convivia com os integrantes mais antigos do coral desde a sua fundação, em 1939. Já tinha passado dos 30 anos quando começou a cantar profissionalmente, mas mesmo assim conseguiu conciliar dois empregos durante vinte e cinco anos, trabalhando como eletricitista durante o dia e se dedicando aos ensaios e apresentações no teatro à noite. Essa jornada dupla só terminou quando ele recebeu a notícia de que seria promovido a um cargo de chefia numa companhia aérea, em Pernambuco. Sem titubear, rejeitou a promoção, abandonou o emprego de eletricitista e ficou só no teatro. Metódico, ele se gaba por nunca ter chegado atrasado e tem o número de faltas na ponta da língua, 22 em toda a carreira, sempre por motivo de doença ou morte de parentes.

Para Angelino, cantar é um ato de prazer, um verdadeiro deleite. Nunca encarou o trabalho como um fardo. Ele é daquelas pessoas movidas à emoção e utiliza a música para extravasar toda a sua subjetividade. Mas até fazer dessa característica vista como fraqueza por grande parte da sociedade um trunfo de vencedor, o cantor semeou mensagens aprendidas com três grandes mestres. Um professor de canto russo apelidado Locus escrevia em todas as partituras do cantor: “A música é o templo do amor. Cante com o coração”. Algum tempo depois, ao encontrar-se com o renomado violoncelista Mstislav Rostropovich, Angelino perguntou como ele extraía um som tão belo do instrumento. A resposta foi: “Não faça com a mão, faça com o coração”. A lição foi reforçada quando o ídolo maior do cantor, o tenor italiano Beniamino Gigli, levou a plateia às lágrimas ao entoar uma ária siciliana. Ao final da apresentação, ele quis saber o segredo para ter uma voz daquelas: “Ragazzo, cantare con la tua voce, ma canta con il cuore” (“Garoto, cante com a sua voz, mas cante com o seu coração”).

- O coral é parte da minha vida. Meu Deus do céu! São tantos anos. Aquilo para mim é vitamina, me faz um bem fantástico, mas sei que chegou o momento de sair. Ficaria mais se pudesse, por amor, não pelo dinheiro. É aqui dentro (ele bate no peito) – as palavras começam a fraquejar, mas ele prossegue: – Lá, são todos meus irmãos, meus filhos, meus amigos. Todos me adoram e tenho um carinho imenso por eles.

Angelino perdeu a conta de quantas histórias vivenciou durante os anos de coral. Já presenciou um solista não alcançar uma determinada nota e alguém da plateia entoar a nota certa no lugar dele, deu as boas-vindas a muitos coralistas e teve de aprender a ser forte para se despedir de tantos companheiros queridos. Ele reconhece, sem falsa modéstia, suas qualidades musicais. É o cantor que permaneceu mais tempo no coral e que, mesmo depois de aposentado, foi convidado pessoalmente pelo maestro para retornar ao teatro. Ao longo de todos esses anos, ele reuniu um acervo de guardados a quem recorre quando quer visitar suas memórias.

- Tenho muito amor pelo que faço. Guardo tudo do teatro. Fico feliz quando olho para as minhas partituras, programas e anotações nas prateleiras. Tem coisas que estão aqui há mais de 60 anos, algumas passaram do meu pai para mim. Está tudo encaixotado. Às vezes minha patroa reclama que eu guardo tudo. Mas o que eu vou fazer? É a minha vida. Até falei para ela brincando que quando eu morrer ela deve enterrar tudo junto comigo.

## **Um homem de família**

As chuvas típicas de verão mandaram as flores da primavera se recolherem mais cedo. Novembro mal começou e o sol já ultrapassa a barreira dos 30°C, dando munção suficiente para as nuvens esvaziarem seus estoques a todo vapor. A sinfonia formada pelo barulho dos trovões e da água que cai com violência sobre o telhado torna os diálogos quase inaudíveis na casa de Angelino, no bairro do Jaçanã, zona norte da capital. No centro da estante da sala há um relógio antigo de madeira que nunca adormece, cujas badaladas soam a cada 15 minutos, contando o tempo no compasso do passado. Sentado no sofá de capa vermelha, ele abre uma pasta azul abarrotada de fotos, documentos e partituras. Em um retrato pintado dos tempos do exército, ele parece combinar as fisionomias dos atores Paul Newman e Cary Grant. Em outro, está caracterizado de egípcio numa montagem de Aída, de Giuseppe Verdi.

Enquanto ele destrincha todo o conteúdo, criando uma legenda para cada item, Jandira Machado aparece na sala para nos servir uma xícara de café. Ela é uma mulher de poucas palavras, afeita aos deveres de dona de casa como a maioria da sua geração, mas de aparência conservada, corpo miúdo e cabelos curtos e grisalhos. Ao observá-la, Angelino aproveita para me contar como a conheceu. Ele ainda era menor de idade quando jogava futebol com um amigo e começou a se interessar pela irmã dele. Embora tivesse sido criado dentro de princípios muito rígidos, ele avançou os sinais impostos pela época.

- Quando eu via a Jandira, pensava: 'Que beleza de mulher'. Daí a uns tempinhos a gente começou a namorar. E olha que naquele tempo era difícil. A gente demorava um ano para dar um beijo na namorada. As moças eram recatadas, usavam vestidos até o tornozelo. Era um respeito violento. Meu pai falava prá gente ter respeito com as filhas dos outros porque tínhamos irmãs e não íamos gostar se alguém se aproveitasse delas. Eu é que fui meio malandrinho. Nesse tempo eu tinha 17 anos e era mais bonitinho. A minha namorada ficou grávida e o meu pai me obrigou a casar. Ela tinha 14 para 15 anos. Duas crianças sem juízo. – diz, sem segurar a risada.

Ao formar uma família de quatro pessoas – a esposa estava grávida de gêmeas – ele não pôde cursar além do ensino fundamental. Foi obrigado a abandonar um de seus sonhos, o de ser engenheiro elétrico, principalmente pela velocidade que as outras duas filhas chegaram. Mas o valor à cultura, herdado do pai, continuava vivo, tanto que ele se empenhou ao máximo para que elas estudassem até o doutorado. A expressão de orgulho pelas filhas serem profissionais bem sucedidas se alterna com a de saudade, já que três delas moram no exterior. O assunto se volta para dona Jandira e a voz de Angelino embarga várias vezes ao tentar transmitir o que sente pela mulher.

- Se fosse preciso, eu me casaria novamente com a minha patroa. Sou muito agradecido por ela ter vivido comigo todo esse tempo. Eu tenho verdadeira paixão por aquela coisinha. Pode acreditar. Ela me acompanhou a vida inteira e a respeito muito por isso. Nunca tive mulher nenhuma na vida a não ser ela. Isso eu digo de coração. Nos entendemos maravilhosamente bem. Ela é uma mãe maravilhosa e sempre tive prazer de vê-la cuidando das minhas filhas. Eu queria durar uns 500 anos com ela se Deus deixasse.

## **Doce sabor do passado**

Para entender a visão de mundo de Angelino, é preciso sobrevoar o passado com a mesma curiosidade de uma criança que quer a todo custo desvendar o mistério de um brinquedo novo. Ele viveu sem maravilhas eletrônicas como internet, televisão, celular, sem eletrodomésticos, sem meios de locomoção ao alcance, sem acesso fácil à informação. Algumas músicas e filmes que simbolizam o ápice do sucesso da sua época são tachados de romantismo piegas pelas gerações mais novas. O idealismo era quase missionário, as convenções sociais eram quase leis. Neste mundo que parece ter se perdido numa história distante, o cantor foi criado e por este mundo ele carrega uma carga permanente de saudosismo.

No nosso primeiro encontro, caminhamos do Teatro Municipal à estação São Bento do metrô. Ele estava trajando um terno azul marinho com abotoaduras douradas entre um batalhão de jovens vestidos de jeans. Esquadrinhou todos os edifícios do percurso, os que existem e os

que deixaram de existir, especialmente o prédio do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, atualmente coberto por uma imensa tela de proteção que sinaliza uma reforma, e enalteceu a São Paulo de ontem, que julgava mais bonita e melhor para se viver. Mas, durante a maior parte do tempo, lamentou o fato de o respeito ter perdido o fôlego na disputa com a liberalidade, não conseguindo chegar ao século XXI. Defensor de valores ímpeles, ele procura ser o exemplo de sua ética e elegância. Quando vê jovens ignorarem a presença de um idoso, deficiente, gestante ou alguém com uma criança no colo, ele cede o seu lugar no metrô ou no ônibus. Angelino me deu uma amostra desse cavalheirismo quando paramos numa lanchonete para tomar um suco de laranja. Por mais que eu insistisse, ele não permitiu que eu pagasse a conta.

O cantor acredita que alguns frutos da modernidade são como um vírus que se alastra sobre a moral, o bom gosto e a educação. Um dos maiores alvos de suas críticas são as músicas atuais, inaceitáveis para quem aprendeu a apreciar a obra de cantores como Francisco Alves e Orlando Silva. Assim que menciona alguns de seus intérpretes favoritos, ele extrai caprichadas notas da garganta. “Os sonhos mais lindos, sonhei...”. Angelino observa que o público de música erudita diminuiu pela metade e já não é mais o mesmo. Não se conforma ao ver algumas pessoas irem aos concertos de ténis, sendo que antigamente todas adentravam o teatro paramentadas para uma noite de gala. Averso às novas tecnologias, ele não sabe e faz questão de não aprender a manusear computadores, não tem aparelho de celular, deixa o carro na garagem para andar de ônibus e metrô. Repudia o fato de que algumas dessas tecnologias colaborem para difundir corrupção, pornografia e violência, ao invés de propagar cultura.

- Eu estudava num colégio no Brás e andava tranquilamente na rua tarde da noite. Nunca me preocupei com nada. Hoje em dia, para andar na cidade, não se pode ter nada no bolso. É uma bagunça danada. O mundo virou de ponta cabeça. As pessoas perderam a vergonha. A gente vê coisas na televisão que Deus que me perdoe. É uma pouca vergonha geral. Está apodrecendo tudo. É político que bota dinheiro na cueca ou não sabe nem onde colocar. Pessoas que deveriam trabalhar em prol do povo, mas trabalham em prol delas mesmas – diz, em tom de indignação.

Uma política justa, voltada para o social sempre foi um ideal perseguido por Angelino. Durante a infância, sua casa virou endereço de reuniões comunistas. Ele se recorda da presença constante do secretário-geral do partido comunista, Luís Carlos Prestes. Lembra inclusive de uma fala do político. “Olha, Jaime, nós vamos lutar pelo resto da vida, mas vai ser muito difícil porque o Brasil é um país de mamelucos. Vai ser muito difícil a gente mudar este país, mas vamos lutar até quando Deus deixar”. Pela causa, o jovem distribuía discretamente o jornal comunista “Novos Rumos” para a população. Mas era tudo muito arriscado.

- Uma vez a gente teve a notícia de que a polícia ia aparecer lá em casa no dia seguinte. Aí, enchemos sacos plásticos com materiais do partido comunista rapidamente, colocamos paralelepípedo dentro e jogamos dentro de um poço. Só saímos de lá quando vimos os quatro ou cinco sacos afundarem.

### **Ato final**

A sala do coro está cheia. Em pé, na frente do piano, estão José Silveira, um coralista corpulento de cabelos grisalhos e sorriso fácil, Angelino e Jacy, enquanto os outros cantores permanecem sentados. Eles sabem que precisam se apressar para entrar em cena na segunda parte do Concerto de Natal, mas focam suas atenções no homenageado. Com a palavra, José começa um discurso improvisado.

- A gente lamenta muito a saída dele. Para quem não sabe, o Angelino Machado foi meu padrinho na entrada do coro. Se alguém tem culpa, é ele. Ele teve uma vida artística impecável. Passou a vida inteira aqui no coral e agora nos deixa. É um irmão que nos reverencia a cada dia. Um exemplo de dignidade, um exemplo de homem, que vai deixar essa marca aqui com a gente e vai levar cada um de nós no seu coração.

- São 42 anos – interrompe a chefe do coral.

- Tenho certeza de que a consagração do artista é o público. E a forma como o público se expressa para engrandecer aquela obra, aquele artista, nada mais é do que o aplauso. Então, seu Angelino, receba os nossos aplausos – José para de falar entre palmas, assobios e palavras que se misturam.

- Agora deixa ele falar, deixa ele falar... – pede uma voz feminina e, ao primeiro sinal de silêncio, Angelino começa a se pronunciar.

- Eu quero que vocês botem nos vossos corações que vocês todos estão aqui dentro, podem acreditar em mim. E se isso for mentira, quero que Deus não me dê mais saúde.

- Xxxxxxssssssssss – todos, em coro, querem impedi-lo de concluir a frase, mas ele continua.

- Nós sabíamos que esse dia chegaria, mas vocês estão todos no meu coração e não pensem que vou deixar vocês tranquilos, não – ele finaliza o agradecimento debaixo de uma onda de risos e uma avalanche de aplausos.

Ao receber um vaso de flores do campo vermelhas, ele sente a emoção transbordar pela garganta. Cobre o rosto com as duas mãos, inclina a cabeça levemente para baixo e se permite um momento de fragilidade, deixando as lágrimas fluírem livremente. Eu só havia presenciado uma entrega tal nas vezes em que ele se lembrava dos pais. É um momento de catarse, o fechamento de um longo ciclo. Os amigos avançam em sua direção, fazendo-o sumir no meio de um abraço rechonchudo.

- Como ser humano, é impossível descrevê-lo. Uma bondade única, um coração maravilhoso, sempre preocupado com as outras pessoas, sempre ajudando. E um profissional cor-re-tís-simo. Sempre estudando e colocando o público em primeiro lugar. O Angelino fez coral com cantores famosos como o Beniamino Gigli e a Maria Callas. Ele tem um conhecimento do canto lírico muito grande. Poderia até ser um professor, mas preferiu ser o coralista de sempre e algumas vezes solista, nunca abandonando o empenho de vencer e o encantamento pela música. Eu o conheço desde 1951 e posso afirmar que, para esses jovens que estão chegando, o Angelino é a mola mestra, é o caminho. Ficará uma lacuna com a saída dele – depõe Wilson Carrara, o amigo mais próximo de Angelino no coral.

- Ele realmente é um exemplo, porque além de ter uma voz que ainda hoje é impecável, é um amigo querido que está sempre de bem com todo mundo. Sem contar que é assíduo, jovial, brincalhão e sempre nos presenteia com uma balinha. Ele é uma graça. Sempre cantou muito bem, tem uma voz maravilhosa. Muito querido – acrescenta a mezzo-soprano Marilú Figueiredo.

Já no espaçoso e sofisticado palco de forro suspenso de madeira, idealizado para ajustar a acústica ao gosto do espetáculo, o maestro Mário Zaccaro rege o coral, que faz a alegria da vibrante plateia interpretando canções conhecidas e populares como “Noite Feliz”, o hino cristão “Amazing Grace”, “Ave Maria” e “Somewhere”, trilha sonora do musical “West Side Story”. Angelino, ao lado do amigo Carrara, está na primeira fileira de cima para baixo, com a partitura sobre as mãos, e se mantém compenetrado até receber os aplausos finais.

Conversamos por telefone após sua última apresentação. Cheio de planos ainda não definidos, ele cogita a possibilidade passar um tempo no Canadá ou na França, reger o coral da Igreja Metodista da Vila Mazzei ou conquistar alguma outra oportunidade. Sobre a sensação de não pertencer mais ao Coral Lírico do Municipal? Ele mesmo conta.

- Na hora que terminou, eu poderia pensar: "Morri". Mas nada disso. Saí de lá feliz, com a cabeça erguida. Sinto que estou apenas começando – ele suspira e comenta que replantou o vaso de flores vermelhas, uma forma de manter vivas as memórias do dia 22 de dezembro de 2009.

*\*Jornalista e pós-graduanda em Jornalismo Literário pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (www.abjl.org.br), turma São Paulo 2009.*

Fonte: Newsletter TextoVivo - Narrativas da vida real. Reprodução autorizada.  
<http://www.textovivo.com.br/detalhe.php?conteudo=fl20100716150340&category=perfil>,  
16/07/2010